



LITERATURA FANTÁSTICA CONTEMPORÂNEA E INÉDITA EM PERNAMBUCO

Julia Maria Troncoso Silva¹; André de Sena Wanderley²

¹Estudante do Curso de Letras- CAC – UFPE; E-mail: julia69016@gmail.com, ²Docente/pesquisador do Depto de Letras – CAC – UFPE. E-mail: bosquesdamoira@gmail.com

Sumário: Este artigo apresenta a pesquisa realizada entre agosto de 2014 e julho de 2015 durante as atividades de iniciação científica da aluna Julia Maria Troncoso, orientada pelo professor André de Sena Wanderley. A pesquisa em questão procurou estudar a literatura fantástica contemporânea e inédita em Pernambuco. Para isso nós realizamos uma série de entrevistas, e a partir delas nós iremos procurar levantar algumas hipóteses acerca da atual situação da literatura fantástica em Pernambuco.

Palavras-chave: literatura, fantástica, candido, entrevistas, pernambuco..

INTRODUÇÃO

No últimos anos nós tivemos várias manifestações que procuraram celebrar a literatura fantástica, e a estética fantástica como um todo, no Recife. Exemplos disso são os vários cineclubes de horror, como o *Toca o Terror*, o *Clif* (Congresso de Literatura Fantástica), o site *Recife Assombrado*, a produção de curtas e longas que se utilizam dessa estética, como o *Vinil Verde*, etc. Não podemos negar também a importância histórica que a estética fantástica tem para Pernambuco, como é exemplificado em várias lendas urbanas, assim como no trabalho de Gilberto Freyre em *Assombrações do Recife Velho*. Logo, é necessário que a produção científica dê vazão à produção artística da região. Por isso, propusemos abordar autores com produção na área em Pernambuco para colher seus testemunhos sobre essa estética cuja visibilidade é tão significativa.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nossa pesquisa intitulada *Literatura fantástica contemporânea e inédita em Pernambuco* procurou analisar o testemunho de diversos escritores hodiernos radicados no território pernambucano em relação à sua obra e à literatura Pernambucana em si. Principalmente, como eles próprios avaliam o contexto atual do mercado literário em relação a estética fantástica? E para a literatura em geral? Para tanto, se fez necessário nos familiarizarmos com um aporte teórico que não fosse exclusivo ao tempo e espaço que privilegiamos na nossa pesquisa, ou seja, obter conhecimento do que a precede temporalmente e do que já foi feito nesse campo, a teoria da literatura brasileira, até então. Isso nos permitiu levantar hipóteses acerca do cenário no qual a literatura fantástica contemporânea em Pernambuco se encontra. Para isso, numa etapa inicial da nossa pesquisa, selecionamos o texto de Malcolm Silverman, *Protesto e o novo romance brasileiro*, como um exemplar que compila a produção literária brasileira da última metade do século 20. Isso nos foi útil porque permitiu comparar o contexto atual pernambucano com o contexto da época imediatamente anterior à que nos é objeto de estudo. Assim, fomos capazes de localizar a literatura fantástica pernambucana num âmbito nacional. O texto de Silverman foi selecionado porque analisa não somente as obras, como também o momento histórico em

que elas foram escritas. Em seguida, a partir das hipóteses levantadas nós elaboramos uma série de perguntas que fizemos após seleção de cinco autores locais que já haviam escrito textos que exploravam a estética fantástica. Nosso objetivo foi descobrir, a partir do testemunho deles, pistas tanto sobre o estado da literatura fantástica pernambucana como um todo, tanto dos porquês por trás desse cenário.

RESULTADOS

Fizemos uma lista de perguntas cujo objetivo foi o de levantar informações sobre as posições e experiências do autores entrevistados em relação aos três pilares que, segundo a teoria de Antonio Candido, são necessários para caracterizar um sistema literário. Ou seja, garantir a existência de um mínimo de características sociais e históricas para que a indústria literária seja impulsionada de uma maneira sustentável. Esses pilares são: um público que possua contato com os autores que leem e vice e versa; uma tradição literária, que de alguma maneira converse com a produção atual, e uma comunicação entre autores, que formem um grupo coeso, que qualifique, assim, uma classe literária que responda perante a sociedade. As perguntas de 1 a 3 procuravam investigar as experiências dos autores em relação à literatura de uma maneira mais geral. As perguntas de 4 a 8 se debruçavam sobre a tradição literária a qual o autor pertence; a pergunta 9 questionava sobre a relação com outros autores e a 10 com os leitores da sua obra. Da 11ª à 14ª debruçávamos sobre a indústria editorial e sua relação com a estética fantástica. E, por fim, a 15ª e 16ª pergunta procuravam entender mais sobre como os autores veem a literatura fantástica e estéticas afins. Para o primeiro grupo de perguntas os resultados foram bastante heterogêneos. Devido a diferença entre idade, círculo social, e profissão dentre os autores entrevistados, esses resultados eram esperados. Nenhum deles chegou a citar os mesmos autores quando falaram sobre a experiência deles dentro da literatura. Ademais, o caráter bastante pessoal dessas perguntas prevê que as respostas seriam bastante particulares. A despeito de não encontrar padrões nessas três primeiras perguntas, elas serviram ao seu objetivo original que era fazer uma introdução às experiências do autores. Não estava previsto, no entanto, que a pergunta de número quatro e sete seriam tão homogêneas: nenhum dos autores pareceu identificar tanto sua obra, quanto suas leituras preconizadas com uma tradição literária em particular, o mesmo em relação a um gênero ou a um país. Todos eles se declararam como leitores ávidos, mas cuja história dentro da literatura foi eclética. Já as perguntas de número 5 e 6 demonstraram que os autores geralmente têm bastante contato com a estética fantástica através de outros suportes como o cinema e os quadrinhos. Muito embora a literatura não tenha ficado para trás, e também apareça como uma área de introdução à estética fantástica. Já na pergunta de número 8 houve artistas que foram citados em múltiplas entrevistas. O nome de José Mojica, Monteiro Lobato e Isaac Azimov foram citados ao longo das entrevistas por mais de um autor. 9 e 10 receberam respostas bem diferentes entre si: todos os autores declararam ter contato com seus leitores de uma maneira ou de outra, com os meios pelos quais essa comunicação é travada variando bastante entre si. Porém, mesmo para autores cujo o círculo social inclui outros escritores, quatro, dos cinco entrevistados declaram não discutir suas obras com colegas de profissão. As interações sociais feitas com outros autores foram declaradas ora como pragmáticas, ora como alheias aos textos de cada um. Dentro do penúltimo grupo, a pergunta de número 12 recebeu um retumbante não por parte dos autores. Todos eles declaram vários problemas com a distribuição dos seus textos. A pergunta de número 11, por sua vez, foi respondida positivamente por todos os autores. Todos os autores entrevistados já publicaram livros físicos, e três deles possuem seus textos publicados na

internet. A pergunta de número 13 foi a que recebeu resultados menos expressivos. Apenas um dos autores demonstrou ter experiência com a literatura de outras regiões do país. Já para a pergunta 14, no entanto, a opinião geral foi a de que o público parece muito interessado na estética fantástica. Por fim, as perguntas 15 e 16 foram provavelmente as mais subjetivas da lista. Porém todos eles demonstraram ter uma opinião no assunto e conhecer tanto os termos em si, quanto obras que eles classificariam nesses termos.

DISCUSSÃO

No recorte feito por Malcolm Silverman, não há destaque, ou uma pesquisa dedicada a fazer um levantamento sobre a dinâmica da produção da literatura fantástica nacional durante o período selecionado como corpus de seu estudo. Visto que o livro se dedica a estudar a produção literária nacional quando o estado brasileiro era governado pelos militares, ou, como nas palavras do autor: “[...] um estudo sintético, da mais ampla abrangência, de romances, e as técnicas narrativas empregadas para revelar, para questionar e, finalmente, para contestar o que aconteceu no Brasil (logo antes) de 1964 até os anos 80.” (SILVERMAN, 2000, p.13), nos indagamos o porquê da literatura fantástica não possuir expressividade que a destacasse nesse cenário. Será que a literatura fantástica desse período realmente não possuiu importância no circuito nacional, nesse intervalo de tempo? Será ainda que havia algum tipo de movimento que restringia essa literatura a certos círculos? Seria a divulgação insuficiente para que sua propagação fosse relevante no panorama literário brasileiro? Ou, ainda, se todos esses fatores ou uma combinação deles limitavam a expansão e influência da literatura fantástica no país? Em outras palavras: havia alguma confluência de elementos ligados à literatura fantástica que impedia que o sistema literário funcionasse satisfatoriamente nessa modalidade? Quando dizemos “sistema literário” nos referimos ao termo definido por Antonio Candido em sua *Iniciação à Literatura Brasileira*. Para que o sistema da literatura fantástica brasileira funcionasse, seria necessário que houvesse um suporte social que permitisse a consolidação desse modo no país. A saber, autores produtivos que se comunicassem entre si, formando uma classe literária; um público, que motivasse a circulação e divulgação das obras; e uma tradição de obras, que, junto aos novos textos, formariam um contínuo na produção. A análise superficial dos textos fantásticos raramente envolve uma leitura social deles. Perguntamos-nos, portanto, se essa ideia generalizada de que as modalidades mais imaginativas da literatura não ensejam uma análise social pode ter motivado, de alguma maneira, o abafamento da literatura fantástica nacional. Seja posteriormente, na incapacidade de manter essas obras em circulação; ou mesmo, se durante o período referido, o sistema não estimulou sua produção. Certamente, a literatura social no Brasil tem longa tradição, e, ao mesmo tempo, pode gozar de um público cativo no cenário nacional. No entanto, Volobuef (1998) defende o contrário. Muito embora o processo de criação da literatura alemã seja mais socialmente engajado do que o brasileiro, curiosamente, o romantismo brasileiro, em geral, produziu obras mais relevantes a análise social do que sua contraparte alemã. As hipóteses aqui levantadas acerca dos motivos que impediram que a literatura fantástica brasileira ganhasse destaque no mercado literário nacional no passado não passam disso – hipóteses. Por hora, não elucubraremos mais nesse tópico, visto que ele não é adequado nem ao tema, nem as limitações temporais de nossa pesquisa. No entanto, ratificamos que esse é um assunto que ainda não foi bem discutido na crítica literária nacional, e que merece uma pesquisa que se dedique exclusivamente a esse tópico.

CONCLUSÕES

O testemunho dado pelos autores demonstrou que, de fato, assim como nas hipóteses levantadas a partir do texto de Silverman, a literatura fantástica pernambucana não parece ter um sistema literário consolidado. Eu destacaria principalmente a falta de comunicação entre os autores como um fator alarmante. Mesmo alguns dos entrevistados conhecendo vários colegas autores, muitas vezes com obras cujos temas têm comunicação entre si, apenas um dos escritores demonstrou conversar com colegas. Ademais, outro ponto de alarme é a relação entre mercado editorial e autores. Mais de um autor chegou a mencionar práticas antiéticas de editoras que eles próprios sofreram. Isso indica que aquilo que Volobuef apontou como sendo uma característica das primeiras manifestações do romantismo do Brasil, é relevante também no cenário atual. Portanto, é necessário que estudos futuros continuem a discutir a presença ou não do sistema literário descrito por Antonio Candido, não apenas na literatura fantástica, mas na literatura brasileira como um todo. Não somente para que a academia compreenda o cenário literário atual. Mas também para compreender melhor os problemas da nossa indústria literária, e possivelmente fazer sugestões que influenciem positivamente a maneira pela qual se faz literatura no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o CNPQ e a UFPE por apoiar a realização da nossa pesquisa. Pessoalmente eu, Julia Troncoso, agradeço aos autores que foram tão generosos e gentis. E, principalmente, agradeço ao Professor André de Sena pelo apoio, paciência e cuidado incondicional com a nossa pesquisa e com a minha carreira acadêmica.

REFERÊNCIAS

VOLOBUEF, Karin. Frestas e Arestas: a prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
CANDIDO, Antonio. Iniciação à Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.